

O Sabiá e os Pássaros de Fogo

irmãos
Allenspach



ilustrações
Charles Paixão

O Sabiá e os Pássaros de Fogo

Este ebook é melhor visualizado em duas páginas.

No Acrobat Reader, clique em:

Visualizar > Exibição da página > Exibição em duas páginas

Autores: Natália Allenspach & Victor Allenspach

Ilustrações: Charles Paixão

Fotografias: Natália Allenspach

Revisão de texto: Juliana Amato

ISBN: 978-65-00-03505-6

Bragança Paulista - SP

2020

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Proibida a reprodução, total ou parcial, sem expressa autorização.

Este ebook está licenciado com uma licença [Creative Commons Atribuição Não Comercial sem Derivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) e pode ser compartilhado livremente.



O Sabiá e os Pássaros de Fogo

Natália Allenspach

Victor Allenspach

Charles Paixão (ilustrações)



O jovem Sabiá-poca acordou com os primeiros raios de sol. Esticou as suas pequenas asas até não poder mais e bocejou, abrindo tanto o bico que ali dentro caberia uma pitanga inteira!

É um filhotinho que ainda nem deixou o ninho. Nunca bateu as asas e nem voou pela cidade, como fazem seus vizinhos dos outros galhos do Jardim Público. Mas o pequeno Sabiá não tem pressa. De graveto em graveto, seus pais construíram seu ninho bem alto, de onde ele pode ver tudo à sua volta. É por isso que Sabiá consegue ver os cachorros peludos que estão sempre por ali, brincando uns com os outros e tentando lamber os sorvetes dos humanos.

Quantos humanos! Há barraquinhas por todos os lados e tantos humanos andando entre elas que o lugar parece um formigueiro. Toda a cidade apareceu para a festa e veio agitar o jardim, que normalmente é tranquilo e silencioso. Em meio a tanta gente conversando e comendo, ninguém olha para cima. Humanos nunca olham para as copas das árvores, parecem achar que não há nada interessante por ali.

Era o que pensava o Sabiá, até que levou um susto ao ver duas crianças observando seu ninho. Rapidamente, escondeu-se embaixo de sua mãe.

— Mãe! Mãe! Precisamos nos esconder, mãe!

— O que foi, Sabiá? — a mãe boceja, piscando os olhos que demoram para abrir.

— Aqueles dois! — Sabiá bate as asinhas, agitado. — Eles me viram!

A mãe estica o pescoço até encontrar as crianças intrometidas e então decide levantar e desfilar, mostrando sua bela plumagem marrom. Mamãe-Sabiá não tem medo de ser vista e as crianças parecem animadas com isso. A menina pega uma câmera fotográfica na mochila e o menino já está a postos com seu binóculo.



— Mãe! — o pequeno Sabiá tudo vê sem entender. — O que você está fazendo?

— Posando para as fotos, é claro.

— Mas, mãe! Eles podem ser perigosos! — Sabiá se lembra das histórias de terror que seu pai contava quando Sabiá ainda era apenas um ovo.

A mãe Sabiá não resiste e solta uma gargalhada. Como os humanos não falam a língua dos pássaros, ouvem apenas um canto, bonito e engraçado.

— Deixe disso, filho! — as asas da Mamãe-Sabiá abraçam o filho, e os dois juntos observam as crianças. — Eles são velhos amigos, de quando eu tinha o seu tamanho.

— Eles? — Sabiá fica espantado. — Esses humanos curiosos?

— Sim, não precisa ter medo deles — sua mãe se empoleira na beirada do ninho para fazer mais poses. — Está vendo? Eles vêm sempre aqui, não fazem mal a ninguém. No máximo... tiram fotos.

— Mas... — o filhote não consegue entender. — Por que fazem isso, mãe?

— Bem... eles são um pouco como você, Sabiá.

— Como eu? — Sabiá olha as suas próprias asas e depois para os braços compridos dos humanos. — Mas eles nem têm penas!

— Não desse jeito — a mãe ri. — Você não está sempre olhando os humanos lá embaixo?

— Sim — Sabiá concorda, lembrando do sorveteiro e das crianças do parquinho.

— Eles fazem a mesma coisa, só querem aprender mais sobre nós. São observadores de aves!

Tomando coragem, Sabiá vai devagar até a beirada do ninho. Ele olha para sua mãe, para ter certeza de que não há perigo, e fica em pé. Ainda está nervoso e se estica devagar, até que as crianças consigam vê-lo, mesmo sendo tão pequeno. Elas logo percebem e ficam mais agitadas do que nunca.



A menina tira muitas fotos, dezenas de fotos, e Sabiá perde o medo. Agora consegue até perceber o barulho engraçado das câmeras fotográficas: **CLICK CLICK CLICK**. Enquanto isso, o menino faz anotações em um caderninho.



— Acho que eles estavam esperando você aparecer — diz Mamãe-Sabiá, orgulhosa.

Demora um tempo, mas as crianças ficam satisfeitas, guardam as coisas nas mochilas e se despedem com um aceno.

— Mãe, você tem razão! — Sabiá olha curioso para as crianças no parquinho.

— Sobre o quê, filho? — sua mãe já estava distraída, pensando em outras coisas.

— Eu sou como eles. Sou um observador de humanos!

Sua mãe não responde, e cai em mais uma afinada gargalhada.



Elisa e Fernando gostam de passear nos parques da cidade, onde encontram aves de todos os tamanhos e cores. Quando seus pais disseram que a família toda iria ao Jardim Público, os irmãos ficaram animados e levaram a câmera e o binóculo. Porém, quando chegaram lá, encontraram uma grande festa, cheia de gente e barracas de comida. Era o tradicional Festival da Linguíça de Bragança Paulista.

Os irmãos sabem que passarinhos preferem lugares silenciosos e calmos, com muitas árvores e pouca gente, por isso desanimaram na mesma hora. Andavam sem vontade pelo jardim até Elisa encontrar o ninho de sabiá escondido entre galhos e folhas.



Nenhum dos irmãos tinha visto um filhote de sabiá-poca, e a descoberta os deixou muito animados! As pessoas passavam ao lado deles e, curiosas, tentavam descobrir o que estavam fazendo. Afinal, o que poderia haver de tão interessante ali no alto?

- Deve ter um balão ali.
- Será que vai chover?
- Montaram uma barraca lá também?

Os meses passaram e Sabiá cresceu. Ele aprendeu a voar e conheceu o mundo vendo tudo lá de cima. Com tanta liberdade, Sabiá agora pode ser o maior observador de humanos da cidade!

Muito dedicado, todos os dias Sabiá acorda cedo e deixa o galho onde passou a noite para tomar o café da manhã. Ele come pequenos insetos, minhocas e outros bichinhos que encontra revirando folhas pelo chão. Também adora pitangas e outros pequenos frutos que pendem das árvores ao redor do Lago do Taboão. E é ali mesmo, perto do grande lago, que Sabiá continua seu aprendizado sobre os humanos.

— Você viu? — Sabiá pergunta a sua enorme amiga, a Garça. — Os humanos ficam correndo em volta do lago. Eles sempre fazem isso.

— Humanos são estranhos — responde Garça, sem tirar os olhos da água. — Eles não têm bico.



Lago do Taboão

— Também já reparei nisso — Sabiá fica de olho em um grupo jogando na quadra. — Mas eles jogam bola, isso deve ser legal!

Sem nenhum aviso, Garça rapidamente estica o pescoço e seu bico comprido para capturar um peixe que nadava por ali. Feliz com o resultado da pesca, ela se despede:

— Até mais, Sabiá!

Este é o problema de conversar com a Garça: ela nunca está interessada em humanos, só quer saber de pescar. E não é a única, o Martim-pescador também é assim. Ele tem um bico grande e forte e gosta de passar os dias empoleirado nas grades ao redor do lago, sempre esperando algum peixe distraído.

Não muito longe dali, Sabiá vê sua amiga Coruja.



— Olá, Coruja! — Sabiá cumprimenta a ave de rapina, que está na entrada do ninho.

Como toda coruja-buraqueira, ela cavou um buraco na terra e fez a toca nele. A toca fica no chão, por isso ela tem de prestar atenção em tudo. Muitos humanos querem ver a toca de perto e Coruja não gosta nada disso. Ninguém gosta... não é nada educado invadir a casa dos outros.

— Olá, Sabiá — a Coruja é educada, mas não costuma falar muito.

Para Sabiá, a Coruja é uma boa companhia, apesar de falar muito pouco e de ter um jeito um tanto estranho. Ela é uma das poucas aves que se interessa por humanos, o que é sempre bom para Sabiá, que adora falar sobre humanos. Porém, desta vez, Coruja parece preocupada com alguma coisa.

— Você está bem, Coruja?

— Começaram os sinais.

— Que sinais?

A Coruja não responde, mas olha para uma estranha árvore que surgiu à beira do lago.

— Ah, aquilo? — Sabiá também olha para a árvore, que está cheia de bolas coloridas e pequenos vaga-lumes. — Que árvore diferente!

— Está chegando a hora — Coruja não desvia o olhar da árvore, parecendo cada vez mais assustada.

— Hora do quê?

— Hora de a noite virar dia — a Coruja responde, misteriosamente.

— Ei, Coruja... hoje você está dizendo coisas mais estranhas do que o normal.

— Eu vou entrar! — Coruja se vira e entra em sua toca. — Até mais, Sabiá.

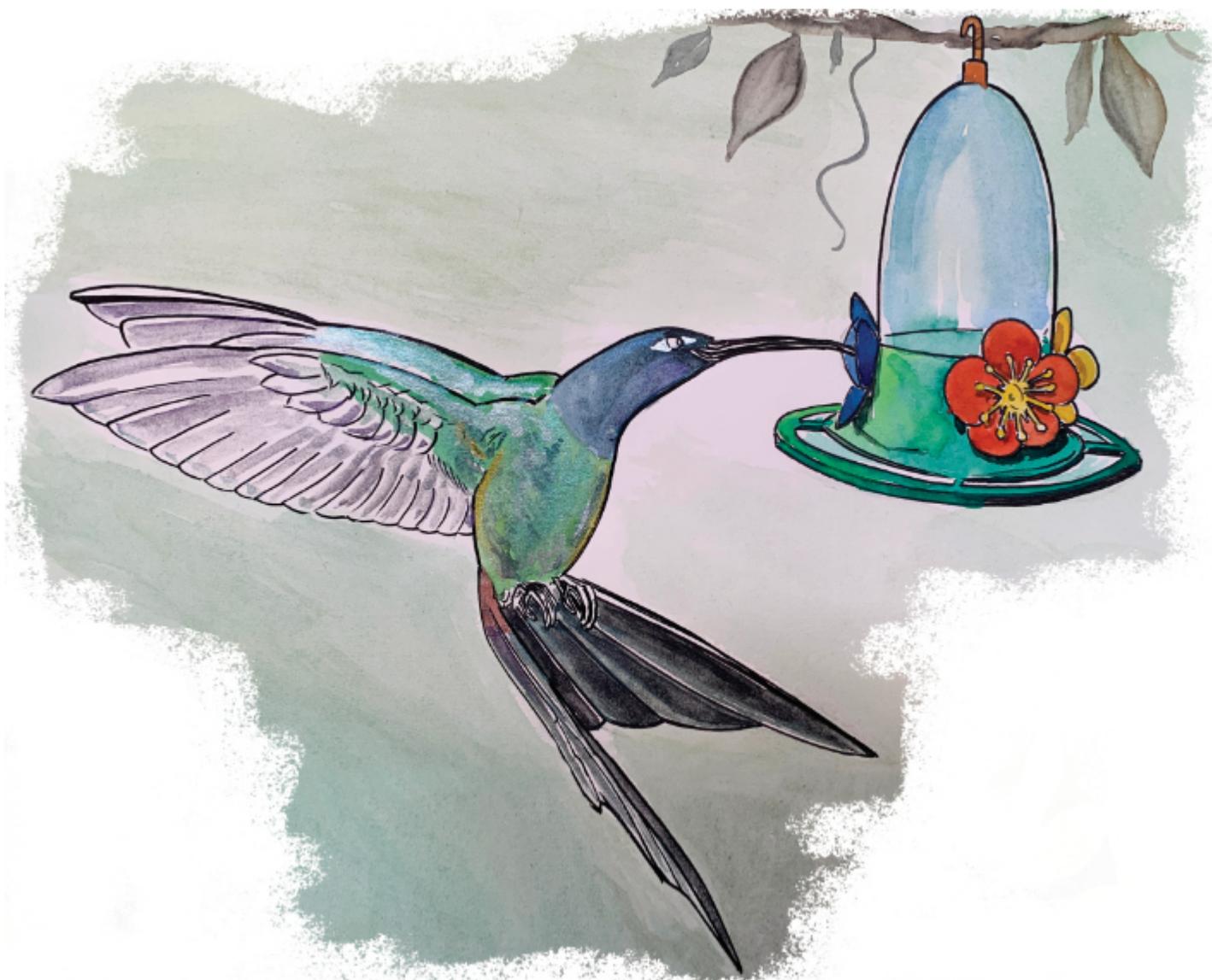
— Até mais, Coruja.

Sabiá decide investigar mais. Voa pela cidade e encontra muitas outras árvores como aquela. Quando pousa em uma, descobre que é de mentira. O tronco e as folhas são de plástico e os vaga-lumes são, na verdade, pequenas lâmpadas. Coisas de humanos... mas não é a primeira vez que ele encontra plantas de mentira. Sabiá se lembra de uma estranha flor de plástico que vira há alguns dias e resolve ir até o lugar onde a encontrou.

— Olá, olá, olá, olá, olá, Sabiá! — um beija-flor-tesoura passa voando ao seu lado.

— Olá Beija-flor. Tudo bem? — Sabiá olha para a sua direita, mas o Beija-flor já está do outro lado.

— Não, não, não, não, não.



— Não? — Sabiá olha para a esquerda, mas o Beija-flor já saiu dali.
— O que não está bem?

— Longa, longa, longuíssima, noite.

— Longa noite? — Sabiá repete, surpreso. — A Coruja também me falou de uma noite estranha.

— Pássaros de fogo, fogo, fogo! — o Beija-flor repete, nervoso, cada vez de um lado diferente do Sabiá.

— Pássaros de fogo? — Sabiá tenta encontrar o Beija-flor, que não para quieto. — Como assim?

— Perigo, perigo, perigo, perigo, perigo! — pia o Beija-flor. — Tchou, tchau, tchau, tchau, Sabiá.

— Espere, Beija-flor! — Sabiá chama, mas o pequeno beija-flor já está longe demais para ouvi-lo.

Sabiá não consegue se esquecer dos humanos e das estranhas árvores de plástico. Talvez Coruja estivesse se preocupando à toa, mas será que o Beija-flor também? Quem são esses pássaros de fogo? Algo ruim vai acontecer e Sabiá está preocupado.

Elisa e Fernando estão passarinhando no Lago do Taboão. Desta vez, querem ver quem vai encontrar mais espécies de aves.

— Olha, um bando de garibaldis! — O menino aponta animado para um bando de passarinhos em uma árvore bem próxima da água. — Acho que tem uns vinte deles ali! Você ouviu como cantam?

— E olhe ali, duas lavadeiras-mascaradas! — Elisa corre para ver de perto. — O ninho delas não deve estar longe.

De repente, escutam um grito alto vindo das casas e dos prédios próximos:

— **É GOOOOOLLL!**

Os irmãos nem lembravam que naquela tarde tinha jogo. É final de campeonato e os torcedores estão felizes. Rojões começam a explodir no céu, fazendo um barulhão. Garibaldis, lavadeiras, pombinhas e todas as aves que estavam ali agora voam assustadas. A maioria conseguiu se abrigar nas árvores, mas no meio da confusão um pássaro se chocou contra um galho e caiu no chão.

— Olha, Elisa! Será que ele está bem?

Os dois correm até o pássaro caído e encontram um sanhaço-cinzentos. Ele está desmaiado, mas respira.

— Coitadinho... Não precisava ter se assustado tanto, foi só um rojão... — Elisa está inconsolável.

— Como ele poderia saber? Os pássaros não fazem ideia de onde vem as explosões e tentam fugir.



Os irmãos sabem que há muitos gatos malandros por ali e ficam por perto até o sanhaço acordar. Demora, mas o pássaro finalmente se move. Ele ainda está um pouco atordoado, mas logo voa para o alto da árvore, onde ficará seguro. As crianças respiram aliviadas, mas Elisa começa a se preocupar novamente:

— Fernando, hoje foram só uns rojões... o que vai acontecer no Ano-Novo, com todos aqueles fogos de artifício?

Faz um dia bonito, o sol brilha na água e Sabiá admira tudo do alto, voando sem conseguir acreditar que algo tão terrível pode estar chegando. Todos os pássaros mais velhos estão preocupados, mesmo que nenhum saiba explicar o que vai acontecer.

Sabiá decide ir até o Bosque das Araucárias. Diz a lenda que ali mora uma ave misteriosa e muito sábia, um ancião que já viveu muitos anos. Sabiá imagina que, se há alguém que pode dizer o que é a Longa Noite ou os pássaros de fogo, é este ancião.

Ele conversa com todos os bem-te-vis, pica-paus e jacuaçus que encontra pelo caminho, pergunta sobre o ancião misterioso, mas ninguém sabe nada sobre ele. Alguns dizem que ele nem existe, que é uma história como as tantas outras que o seu pai contava.

Sabiá desiste. Cansado de procurar e pedir informações de galho em galho, pousa em um tronco seco para descansar. Olha distraído em volta, já sem esperança alguma de encontrar o ancião, quando vê um galho piscar. Sabiá pula de susto e olha bem de perto o galho, que pisca outra vez.

— O galho tem olhos! — Sabiá pia bem alto, abrindo as asas, assustado.

— Eu não sou um galho! — diz o galho.

Sabiá observa o galho com cuidado. Os olhos amarelos são muito estranhos, assim como os pés.

— Pés? — Sabiá repete para si mesmo, lembrando que galhos não têm pés.

É então que Sabiá também encontra asas, com as penas da mesma cor dos galhos secos.



Bosque das Araucárias

— Você é uma ave! — Sabiá finalmente compreende.

— Me chamam de Urutau — responde o galho que na verdade não é um galho.

— Você só pode ser o ancião de que o meu pai falava! — Sabiá pia de felicidade. — Dizem que é a ave mais sábia de todo o bosque!

— Diga o que deseja, pequeno Sabiá. Eu durmo durante o dia e estou muito cansado.

— Ah, sim! Desculpe incomodá-lo — Sabiá observa aflito as próprias penas, pensando no que perguntar. — Estava conversando com a Coruja e ela me disse coisas misteriosas.

— Corujas são misteriosas — o Urutau concorda.

— São mesmo! Mas também falei com os outros pássaros e estão todos preocupados — Sabiá está agitado e não consegue ficar parado. — Dizem que algo está chegando. Que pássaros de fogo irão aparecer e a noite vai virar dia.

Urutau desvia os grandes olhos do Sabiá e contempla o bosque.

— É uma noite estranha e perigosa, quando o céu não é seguro e precisamos nos esconder — Urutau lança um olhar assustador ao pequeno Sabiá.

— Esconder do quê? — Sabiá sente seu pequeno coração bater agitado.

— Luzes coloridas enchem o céu e explosões vêm de todas as direções. Os sinais sempre nos avisam quando os pássaros de fogo estão chegando.

— As árvores de mentira! — Sabiá pia alto, entendendo, finalmente. — Então os humanos também sabem dos pássaros de fogo!

— É claro que sabem — Urutau fecha os olhos. — São eles que fazem os pássaros de fogo.

— Os humanos? — Sabiá abre o bico sem acreditar. — Por quê?

— Ninguém pode entender os humanos, jovem Sabiá. Agora deixe-me dormir.

— Dormir? Ah, claro! — Sabiá percebe que está incomodando. — Obrigado, Urutau. Boa noite. Digo, bom dia.

Sabiá se afasta pensativo, ele não consegue acreditar em Urutau. Por que os humanos fariam isso?

Os irmãos ficaram muito preocupados com o que aconteceria com as aves de sua cidade durante a festa de Ano-Novo. Pesquisando sobre o problema descobriram que todos os anos, milhares de aves em todo o mundo são vítimas dos fogos de artifício e rojões. Assustadas com o barulho, elas acordam no meio da noite e voam sem rumo. Algumas voam para muito longe, muitas se machucam, outras abandonam seus ninhos. De fato, muitas não sobrevivem.

Na escola, a professora de Ciências confirmou:

— Sim, fogos de artifício são uma ameaça para as aves! E para outros animais também. Eles não entendem o que está acontecendo, não sabem de onde vem tanto barulho.

— Nosso cachorro Lilo fica muito assustado — lembra Fernando.

— E não são só os animais que se assustam. Pessoas que estão hospitalizadas, idosos, bebês e autistas sofrem muito com o barulho. Por isso algumas pessoas estão deixando de soltar fogos. Pena que ainda são poucas, pois a maioria não entende o problema — afirma a professora.

Ao ouvir isto Elisa e Fernando bolam um plano: vão avisar todos os moradores da cidade sobre os perigos dos fogos de artifício!



Sabiá ficou pensando sobre a conversa que teve com o ancião. Ele não entende por que os humanos fazem pássaros de fogo, mas o Urutau disse que é preciso se esconder. A única chance para os pássaros é fugir para as florestas, onde os humanos não libertam pássaros de fogo.

O problema é que Sabiá é apenas um. Como poderia avisar a cidade toda? Nesse momento, ele escuta um bando de periquitões, muito barulhentos. Gritam tanto que até os outros pássaros se cansam e fogem dali para procurar algum sossego. Sabiá voa direto até o bando, que se assusta com a sua chegada. Ele pousa entre eles, ajeita suas penas e se esquece do cansaço para dizer o que precisa. Pela primeira vez, a gritaria dos periquitões servirá para alguma coisa!

— A Longa Noite será hoje e preciso de vocês! — Sabiá grita para que todos possam ouvi-lo. — Avisem todas as aves para se esconderem na floresta e para não voarem quando os pássaros de fogo aparecerem no céu. O único lugar seguro é nos galhos das árvores!

— Por que faríamos isso? — perguntou um periquitão. — Não somos desses que ficam tagarelando à toa por aí.

— De jeito nenhum! Falamos apenas o necessário, coisas muito importantes — completa outro.

— Nós nem falamos sobre a vida de ninguém! — um terceiro grita quase ao mesmo tempo. — Eu jamais contaria que o Gavião-carijó perdeu uma corrida para o Pardal. Eu não contaria isso para ninguém! E também não contaria que dia desses o Tuim...

— Está bem, está bem! — Sabiá interrompe. — Já sei que vocês não são de ficar fofocando por aí, mas isso é muito importante! Por favor, avisem todos as aves que puderem!

— Podemos abrir uma exceção — o primeiro periquitão concorda e o bando rapidamente se dispersa, espalhando a notícia pela cidade.



Centro Cultural (antigo Colégio João Carrozzo) e Jardim Público

Sabiá também avisa todas as aves que consegue. Avisa a sua amiga Garça e as lavadeiras-mascaradas, os sanhaços e os garibaldis. Avisa até um bando desconhecido, que nunca tinha visto por ali. Eles se chamam bigodinhos e vieram de longe. São passarinhos que aproveitam o verão por aqui mas vão embora no inverno, em busca de mais sementes.



Elisa, Fernando e seus amigos trabalharam muito. Durante semanas fizeram uma grande campanha, conversaram com todos os adultos que puderam, distribuíram panfletos e ligaram para seus parentes. Tudo para convencer os adultos a não soltarem fogos de artifício.

Os tios de Elisa e Fernando prometeram que não comprariam fogos neste ano. Seus pais e os pais de seus amigos também prometeram que veriam os fogos apenas pela televisão, mas infelizmente nem todo mundo se importa com os animais. A maioria dos vizinhos não deu muita importância, nem mesmo o casal da grande casa ao lado, que tem dois cães.

É claro que fogos de artifício são bonitos e todo mundo gosta de vê-los colorindo o céu — é uma tradição. Mas os animais não têm culpa que os humanos comemoram o Ano-Novo, e muito menos de que gostem tanto de explosões.

Quando o 31 de dezembro finalmente chegou, Elisa e Fernando estavam apreensivos. A campanha que fizeram com seus amigos apareceu até no jornal da cidade! Mesmo assim, passaram o dia tentando falar com mais gente. Quando a noite chegasse os dois finalmente descobririam se tanto trabalho serviu para alguma coisa.

Perto da meia-noite, toda a família se reúne na sala e os corações dos irmãos batem forte para acompanhar a contagem: — 10, 9, 8... seus olhos procuram algum sinal, mas até agora, tudo bem. — 3, 2, 1... Feliz Ano-Novo! Todos comemoram, junto com os fogos que enchem o céu.

As pessoas estão felizes e trocam abraços, mas Elisa e Fernando estão chateados. Não conseguiram impedir os fogos e centenas de explosões ecoam pelos prédios, junto com os uivos dos cachorros.

— Não fiquem assim, crianças — tia Bel se aproxima, segurando



nos ombros dos dois. — Vocês fizeram um ótimo trabalho.

— Mas não adiantou de nada! — lamenta Fernando.

— Adiantou, sim! — tia Bel olha séria para os dois. — Podem apostar que tivemos bem menos fogos esse ano, e, se vocês continuarem com essa campanha, nos próximos anos nós teremos ainda menos.

— Vai demorar muito! — Elisa cruza os braços, chateada.

— É claro que vai! — tia Bel concorda. — Adultos são difíceis de convencer. Leva tempo, mas se vocês desistirem, os fogos nunca vão acabar.

As explosões começam a diminuir enquanto os irmãos pensam nas palavras da tia Bel. Ela tem razão, tudo leva tempo. Mudanças não acontecem apenas porque queremos, é preciso trabalhar muito e insistir para que as coisas mudem. Mais animados, os dois conseguem sorrir e aproveitar a festa, mesmo sem parar de pensar nos pobres passarinhos, que não fazem ideia do que aconteceu.

Quando a noite chegou, Sabiá estava escondido na floresta com seus amigos e tantos pássaros como nunca tinha visto. Os galhos estavam cheios de sanhaços, jacuaços, beija-flores, bem-te-vis e bandos de periquitões. Até os gaviões apareceram, mas pousaram em galhos bem distantes.

Pela primeira vez as aves já sabiam o que aconteceria. Não foi uma noite agradável — os pássaros de fogo encheram o céu de explosões coloridas como Sabiá nunca havia visto. O barulho era ensurdecedor





e todos ficaram apavorados, mas não demorou para o céu ficar calmo novamente. O sábio Urutau disse que a Longa Noite fora mais curta esse ano, o que poderia ser um presságio de novos tempos.

Quando amanheceu, os humanos dormiam e a cidade estava silenciosa como nunca. Todas as aves se sentiram seguras para voltar à cidade, onde encontraram alguns colegas feridos e até mortos. Sabiá não conseguiu avisar a todos e ficou muito triste por isso.

Cansados por terem passado a noite acordados, muitos pássaros aproveitaram para dormir. Sabiá estava pensando em fazer o mesmo, e descansava em uma boa sombra quando, de repente, um barulhinho estranho chama a sua atenção: **CLICK CLICK CLICK**.

Sabiá já ouvira esse barulho antes, há muito tempo. Logo encontra duas crianças olhando em sua direção e tirando fotos. São as mesmas crianças que ele conheceu quando ainda era pequeno demais para voar.

Apesar de estar magoado com os humanos e suas festas barulhentas, Sabiá desfila para aqueles dois, como sua mãe fazia. Agora ele entende que existem vários tipos de humanos... e alguns gostam muito dos pássaros!

Personagens deste livro

Sabiá-poca

(*Turdus amaurochalinus*)



Tem 21 cm e cara de bravo (por causa da mancha escura entre o olho e o bico). O bico fica mais amarelo durante a época de reprodução. Fica ciscando no chão, em meio às folhas secas, procurando insetos, minhocas e outros pequenos invertebrados. Também gosta de frutos. Pode ser encontrado na maior parte do Brasil e é parecido com o sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*).

Por ter hábitos diurnos (embora também seja ativa durante a noite) esta coruja é fácil de observar, mesmo nas cidades. Cava buracos no chão, onde faz o ninho. Caça pequenos mamíferos, anfíbios e répteis, mas parte importante de sua dieta é constituída por insetos (besouros, gafanhotos e outros). Tem aproximadamente 23 cm.

Garça-branca-grande

(*Ardea alba*)



É uma das garças mais comuns do Brasil. Sua plumagem é inteiramente branca e o bico é amarelo. Tem 90 cm e vive perto de lagos e riachos. Alimenta-se de peixes, anfíbios, répteis e crustáceos.

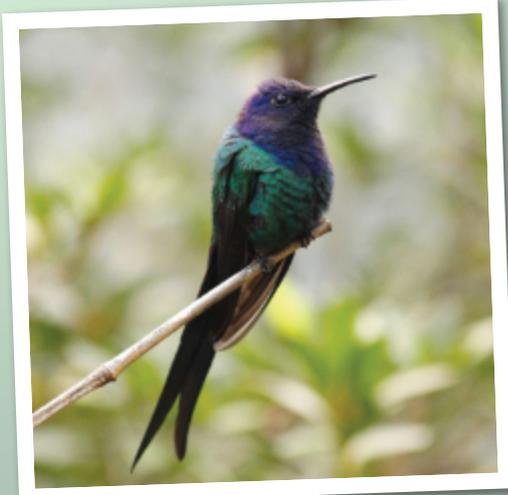
Coruja-buraqueira

(*Athene cunicularia*)



Beija-flor-tesoura

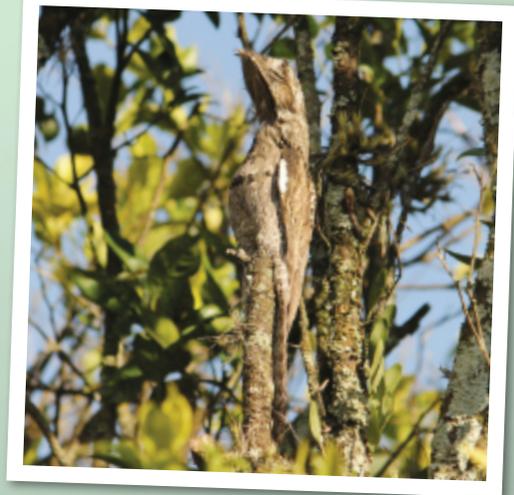
(*Eupetomena macroura*)



É um dos beija-flores mais comuns do leste do Brasil. Grande (18 cm), ele enfrenta os outros beija-flores e muitas vezes domina os bebedouros. Sua característica mais marcante é a longa cauda bifurcada. Alimenta-se de néctar de flores e de insetos.

Urutau

(*Nyctibius griseus*)



Passa o dia descansando, camuflado como um galho. À noite caça insetos e canta (seu canto é assustador!). Tem mais ou menos 35 cm e pode ser encontrado em todo o Brasil. Também é conhecido como “mãe-da-lua”.

Sanhaço-cinzento

(*Tangara sayaca*)



Ave comum nas cidades com ruas arborizadas. Alimenta-se de frutas e insetos e frequenta bebedouros para beija-flores. Muito comum em todo o Brasil, ausente apenas na maior parte da Amazônia. Tem 18 cm.

Periquitão

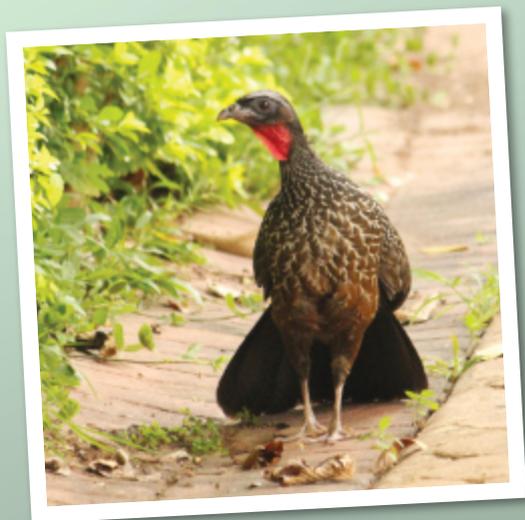
(*Psittacara leucophthalmus*)



Também conhecido como “maritaca”, é verde com manchas vermelhas e amarelas sob as asas (visíveis em voo). Tem cerca de 30 cm e alimenta-se de frutos e sementes. Andam em bandos e fazem bastante barulho!

Jacuaçu

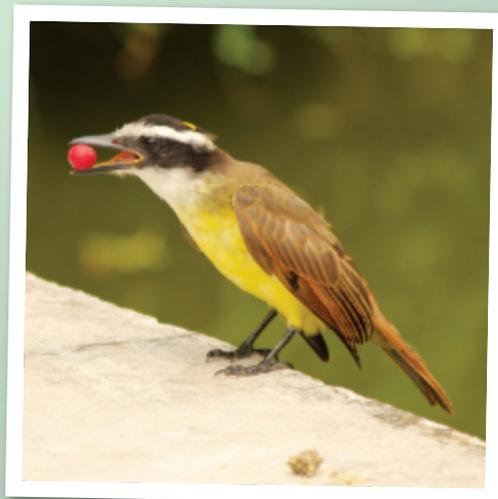
(*Penelope obscura*)



Ave de grande porte (75 cm), pode pesar mais de um quilo. Justamente por causa de seu tamanho o jacuaçu ainda é alvo de caçadores em alguns lugares. Alimenta-se principalmente de frutos.

Bem-te-vi

(*Pitangus sulphuratus*)



Provavelmente uma das aves mais conhecidas do Brasil. Seu canto é alto e inconfundível: bem-te-vi! Adaptou-se bem à vida nas cidades pois sua dieta é muito variada, incluindo pequenos invertebrados e frutas. Rouba ração para cães e gatos e de vez em quando é visto pescando! Tem cerca de 22 cm.

Garibaldi

(*Chrysomus ruficapillus*)



Gosta de brejos, onde pode ser encontrado em bandos grandes. O macho é preto, com a parte superior da cabeça, garganta e peito laranja, cor de ferrugem. A fêmea é parda, com a cabeça e a garganta um pouco amareladas. Tem cerca de 17 cm e alimenta-se de pequenos invertebrados, sementes e frutos.

Bigodinho

(*Sporophila lineola*)



Pequeno (11 cm), este passarinho gosta muito de sementes de capim. O macho tem a cabeça, dorso e asas pretos e o ventre branco. Suas “bochechas” são brancas, formando o bigode que lhe dá o nome. A fêmea é parda, com o ventre mais claro. Também é conhecido como “estrelinha”. Pode ser encontrado em todo o Brasil, mas é migratório. No sul de Minas Gerais e em São Paulo a espécie aparece em novembro e vai embora lá pelo mês de abril.

Lavadeira-mascarada

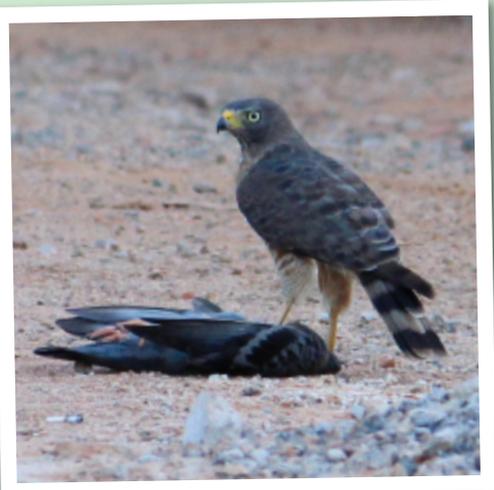
(*Fluvicola nengeta*)



Gosta de ficar perto da água. Muitas vezes constrói o ninho em galhos sobre lagos ou riachos, onde os ovos e os filhotes ficam protegidos de muitos predadores. Tem 16 cm e alimenta-se principalmente de insetos.

Gavião-carijó

(*Rupornis magnirostris*)



Tem aproximadamente 36 cm e alimenta-se de pequenos mamíferos, répteis e insetos. Espécie cada vez mais comum nas cidades, sendo de grande importância no controle populacional dos pombos-domésticos.

Autores



NATÁLIA ALLENSPACH

É bióloga e observa aves há 10 anos. Nas horas vagas, registra suas passarinhadas no blog “A Passarinhóloga” (apassarinhologa.com.br). É irmã do Victor e ajudou a escrever algumas partes da história. Também fez as fotos que aparecem no guia dos personagens.

VICTOR ALLENSPACH

É irmão da Natália e autor de livros de ficção científica, como “A Procura de Vida Inteligente” (2016) e o mais recente “Epílogo” (2019). Também gosta de escrever relatos de viagens, como “Feijoada de Bacalhau” (2018). Este é seu primeiro livro infantil!



CHARLES PAIXÃO

É ilustrador, cartunista e arte educador. Fez todas as ilustrações deste livro, utilizando técnicas de aquarela e lápis de cor.



Sobre o projeto

Queremos contar histórias que despertem o interesse de jovens leitores pelos passarinhos que vivem logo ali: no quintal de casa, no entorno da escola, na praça, no parque da cidade.

Bragança Paulista foi escolhida como cenário de nossa primeira história pois é onde crescemos e moramos atualmente. Mas pretendemos narrar aventuras e desventuras de aves que vivem em muitas outras cidades!

Inicialmente nossa intenção é distribuir, gratuitamente, exemplares impressos para escolas públicas do município. Os custos de produção de um livro, porém, são elevados. Incluem gastos com ilustração, revisão, diagramação, gráfica...

Para saber mais sobre o projeto e como apoiá-lo, acesse:

<http://apassarinhologa.com.br/serie-aves-da-minha-cidade>

Gostou do livro?

Este ebook está licenciado com uma licença

[Creative Commons Atribuição Não Comercial](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

[sem Derivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)



e pode ser compartilhado livremente!



Série AVES DA MINHA CIDADE

Este é o primeiro livro de uma série de contos sobre aves nativas do Brasil. Cada história terá lugar em uma cidade diferente, destacando aspectos locais e culturais ao mesmo tempo que apresentará espécies de aves que podem ser encontradas naquela área urbana.

Em “O Sabiá e os Pássaros de Fogo”, um jovem sabiá-poca desvenda um grande mistério enquanto percorre algumas das principais áreas verdes de Bragança Paulista (SP): o Lago do Taboão, o Jardim Público e o Bosque das Araucárias.

Enquanto isso, os irmãos Fernando e Elisa correm contra o tempo para avisar os adultos sobre os perigos da queima de fogos que acontecerá na virada do ano.